

Pauline Alphen

A ALIANÇA

Tradução:

DOROTHÉE DE BRUCHARD

COM A COLABORAÇÃO DA AUTORA

SÉGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2012 by Hachette Livre

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.



Título original
L'Alliance

Capa
Retina_78

Preparação
Lúcia Leal Ferreira

Revisão
Renata Lopes Del Nero
Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alphen, Pauline

A aliança : crônicas de salicanda / Pauline Alphen ;
tradução Dorothee de Bruchard com a colaboração da
autora — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2015.

Título original: *L'Alliance*.
ISBN 978-85-65765-34-3

1. Literatura juvenil I. Título.

14-08768

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura juvenil 028.5

2015

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Sumário

Parte I: Partir, regressar

1. Partir.	11
2. Regressar.	33
3. A caravana.	52
4. Passeio ao farol.	64
5. O Povo em movimento.	84
6. O Rapaz Ardente.	97

Parte II: Estrada afora

7. Sozinha.	113
8. O mundo não é o que parece.	124
9. As Terras Claras.	137
10. O mundo de Merlin.	154
11. O alvo.	163
12. Alhures.	177

Parte III: A Aliança

13. O humor dos Anjos.....	183
14. Aquele por quem a história continua.....	192
15. A Entelada.....	214
16. As Terras Rubras.....	231
17. Eleições em Salicanda.....	256
18. Fadas.....	272
19. Tierra.....	289
20. Alhures.....	305
 Cronologia dos Tempos de Antes.....	 309
Léxico dos Tempos de Antes.....	327
Lista das personagens.....	337

PARTE I

Partir, regressar

*Viajar e escrever,
os dois mandamentos do Nômade da Escrita.
Escrever e viajar.*

*A Guilda esqueceu
que essas duas palavras podem imbricar-se
como os entrelaços do iluminador,
fundir-se como os amantes,
eternizar-se como a serpente mordendo o próprio rabo.*

*Quando a escrita é uma viagem.
Quando a viagem é escrita.
Quando são abolidas as fronteiras,
não para que surja o caos,
mas para despertar o desejo de liberdade.*

*Liberdade de escrever.
De viajar.
De ser.*

*Cadernos de Sierra, excertos,
in Arquivos apócrifos da Guilda dos Nômades da Escrita*

1

Partir

ARDER, AFOGAR

O som cadenciado do pangaio mergulhando e emergindo da água rasgava a noite absolutamente negra da ilha. A água opaca, o céu entenebrado e sem estrelas compunham um único tecido, pesado e impreciso. A um canto do barco, sob uma avalanche de recordações, Claris gemia.

Em pé na piroga que deslizava sobre Bandhá, o rapaz contraía os músculos para avançar o mais rápido possível, enquanto lançava à menina olhadelas preocupadas. Ela era tão bonita, encolhida na ponta do barco, triste e alheia, com os desenhos ocre e laranja na pele, as tranças de mil conchas no cabelo.

Tudo nele se sentia atraído por aquela garota estranha que Sinhá encontrara na praia. Aquela estrangeira de olhos incríveis, arisca e reservada. Soube disso assim que a avistara, com sua pele branca — nada era branco na ilha — e seu olhar pálido, seu corpo imóvel que não sabia falar. Foi se aproximando dela de mansinho, esperou que estivesse pronta, e finalmente, naquela noite... Estremeceu e remou mais rápido; ainda sentia o gosto quente da boca dela na sua. Só que Aram não queria brincar. Aram tinha se fechado de repente, Aram não o via mais, Aram gemia. E ele não queria tomar nada que não lhe fosse dado livremente. Aram não era uma concha que se pode abrir a força.

A piroga ainda não encostara em terra quando Claris saltou, com pressa de chegar à praia. Precisava falar com Sinhá, descobrir um jeito de ir embora da ilha e voltar sem demora para Salicanda. Parou de correr quando Arjuna a chamou. Devia-lhe uma explicação.

Claris esperou que Arjuna puxasse a piroga e fez um gesto para que não a seguisse.

— Arjuna, não sei dizer isso na sua língua sem magoá-lo. Só sei dizer deste jeito: não.

Ela repetiu o sinal que expressava a recusa, as duas palmas da mão para a frente. Perplexo, Arjuna examinava sua atitude, lia seu corpo. As

mãos diziam “não”, mas o corpo não estava fechado, o corpo vibrava, bem perto do seu.

— Eu não posso... brincar com você. Isso me prenderia a você, à ilha. E esse mundo não é o meu mundo, agora sei disso. Você me entende?

Arjuna franziu o cenho. As mãos diziam “não”, mas ela não se afastava. Será que Aram queria uma coisa, mas queria também o oposto?

Clarís sacudiu a cabeça, impaciente, e ele sorriu ao ver dançarem suas tranças.

— Preciso ir embora. Você entende?

A atitude era a de um pássaro prestes a levantar voo, braços estendidos, pés abertos, rosto virado para o céu. Sim, esse gesto era franco, inteiro, ele entendia. Arjuna baixou a cabeça.

Ao mesmo tempo aliviada e infeliz, Clarís pegou a mão dele. De novo, o rapaz hesitou. Aram o queimava, a tristeza dela o inundava. Aram nunca fazia nada do jeito que as outras meninas faziam. Ela não dizia “sim” ou “não”: conseguia dizer os dois em simultâneo. Mas ele, Arjuna, não conseguia arder e se afogar ao mesmo tempo.

Levantou a cabeça e se perdeu uma última vez nos olhos transparentes, da cor de Bandhá quando reflete Rad, o segundo sol. Estendeu a mão lentamente para o ventre da menina, que se contraiu, e apanhou a conchinha minúscula que as ilhoas tinham depositado ali ao pintar Aram para a festa de Bandhá. Com a outra mão, ofereceu-lhe a concha que ele usava na orelha, em forma de espiral se abrindo como uma vela.

Clarís pegou a concha. Arjuna se virou, empurrou o barco e saltou dentro dele. Foi rapidamente tragado pela escuridão. Ela não viu quando ele lambeu a mão, onde as lágrimas de Aram o haviam queimado.

ARAM FALA

Urukum, o primeiro Brilhante, mal surgia no céu cambiante da ilha. Ainda era muito cedo, os kurumis ainda dormiam agrupados nas hamakus. Porém Sinhá não dormia. Seu irmão tinha lhe aparecido em sonho, ela sabia que a estrangeira se encontrava no limiar de seu destino.

A menina surgiu da escuridão, rosto banhado em lágrimas e gestos entrecortados, e se jogou em seus braços chorando feito criança, repetindo o nome de Arjuna entre dois soluços. Ela se atrapalhou na linguagem corporal e Sinhá entendeu, de início, que o rapaz a tinha machucado, quando na verdade era Aram que estava desconsolada por tê-lo magoado. Não conseguiu tranquilizá-la, pois a menina seguia despejando palavras

ininterruptas, sendo que duas — pai, irmão — aumentavam a chuva que escorria de seus olhos. A anciã deixou-a falar, contentando-se em acariciar suavemente sua mão.

O dia já raiava quando a ilhoa conduziu-a para fora da oka. Sinhá sabia que Aram gostava daqueles momentos suspensos, antes que os três sóis se unissem e abrasassem a ilha com cores incríveis. Lembrava-se de sua expressão quando, convalescente, tinha saído da oka pela primeira vez, de seu olhar deslumbrado quando, sentada naquele mesmo tronco entalhado que fazia as vezes de banco, descobrira a luz ainda preguiçosa de Urukum, qual uma renda pousada sobre o mundo.

O prodígio da volta da luz após a noite absolutamente negra da ilha surtiu o efeito esperado. Aram calou-se um instante e sua respiração se fez mais regular. Então, com os olhos fixos no despertar cintilante da ilha, o céu cor de safira, a areia cor de açafrão, as árvores amarantinas com palmas amarelas, ela retomou sua fala, num tom mais baixo e mais lento, as lágrimas cavando cicatrizes na pintura ocre de seu rosto.

Sinhá nada entendia das frases que se derramavam contínuas como a monção. Percebia o essencial, contudo: Aram, que com as pinturas rituais parecia-se mais que nunca com uma ilhoa, havia recuperado a memória, o fio de sua história, e queria partir.

À medida que a menina punha suas lembranças em palavras e resgatava seu passado, o sofrimento jorrava dela aos borbotões, respingando, formando poças sombrias. Ela já não era mais Aram, a estrangeira dócil e ferida, contendo uma ferida interior, que gostava de brincar com as crianças e fazer perguntas impossíveis. Era agora uma moça altiva, cheia de energia e impaciência. A estrangeira estava curada, já não estava vazia.

A anciã voltou para dentro da oka e abriu um baú. Depositou diante de Claris uma mochila e uma bengala, e fez o gesto que significava tanto “é seu” como “é você”, mão esquerda no coração do interlocutor, punho direito fechado. Depois, sinalizou que ia preparar o que comer e deixou-a sozinha.

Claris pegou o pedaço de pau...

OS PRESENTES

Embainhada, a espada parecia uma simples bengala de caminhar. Bastava olhar de perto, porém, para perceber que a madeira do estojo era maravilhosamente bem trabalhada, e a grande fineza do unicórnio que ornava o castão de madeira clara. A arma era de madeira de imortal, com

as lâminas e a ponta revestidas de aço. Ao deslizar, emitiu um clarão opalino e uma nota cristalina e discreta como um chamado. Claris estremeceu e tornou a embainhá-la. Voltou sua atenção para a mochila.

O tecido diáfano se estendeu, leve feito pluma. Dobrado, cabia na palma da mão. Veio-lhe a palavra: *dulcepiel*... As lágrimas recomeçaram a escorrer quando ela desdobrou a pesada capa de lã de dolly, a linda capa com inúmeros bolsos e amplo capuz, de um verde escuro mesclado de azul, que Chandra havia tecido e costurado para o aniversário de suas treze luadas. Seu irmão ganhara uma igual, só que marrom acobreado perpassada com fio vermelho. *Jad*...

Um por um, Claris tirou os objetos da mochila e os dispôs sobre a esteira à sua frente. Em meio aos livros e itens diversos — canivete, isqueiro de marinheiro, lamparina, caderninhos, roupas — havia dois pacotes e uma carta.

Quando abriu a carta, um anel escorregou e encostou em seu anular esquerdo. Com o polegar, Claris o ajustou maquinalmente ao dedo, tomada pelas emoções que a invadiam ao ler o bilhete deixado por seu pai junto ao presente de aniversário.

Vá até o boxe de Sherazade, lá vai encontrar seu presente de aniversário. O filho e a filha de Vista-Longa nasceram no fim do Tempo Amarelo. Já que vocês não vão poder montá-los de imediato, talvez você aceite continuar dividindo Vista-Longa comigo? Com todo o meu amor. Eben.

Ela tomava consciência de tudo que perdera... Seu pai, seu irmão... Revivia o desenrolar dos acontecimentos, tentando entender onde é que o destino tropeçara, em que momento se produzira o irreparável.

Naquela noite, a noite do incêndio, Blaise ordenara que ela pusesse as crianças a salvo e ela obedecera, trilhando as passagens secretas do castelo para chegar às grutas. Deveria ter desobedecido. Deveria ter dado um jeito de entrar na sala de estudos onde estavam seu pai e seu irmão. O garoto que a alcançara a meio caminho dissera que Jad, Chandra e Ugh não tinham saído da sala de estudos incendiada. Ela franziu o cenho. Então Ugh tinha voltado lá! Ele, Ugh, não tinha abandonado Jad... Claris escondeu a cabeça entre os braços.

Atrás da divisória de palha trançada, enquanto socava as pequenas nozes rosadas de onde os ilhéus extraíam óleo, Sinhá ouvia os soluços. Expulsara todos os kurumis da oka para que Aram ficasse a sós com suas

recordações. Ela meneou suavemente a cabeça. Se fosse um dos seus, ela o pegaria no colo e choraria com ele. Mas Aram era diferente...

Mergulhando os dedos nas nozes, a anciã produziu o canto apaziguante do vento passando sobre a água, o som doce da chuva nas folhas das palmeiras. Claris sentiu como uma carícia em sua pele nua e suspirou. Sua mão pairou sobre os pacotes, escolheu um e o abriu, retirou um objeto que levou alguns segundos para identificar: uma estatueta representando uma moça, com uma capa viravoltando à sua volta e um inseto pregado no cabelo. Súbito, foi como se visse a si mesma na cabana de sua infância, empoleirada na árvore-igreja, enquanto seu irmão gêmeo lhe mostrava o Jogo dos Mil Caminhos e ria, apontando para a princesa:

— O que você acha? Será que essa personagem é, ou não, uma PP? Ainda não sei qual é o papel dela no jogo.

PP! Princesa passiva! Eu não tenho papel nenhum no jogo! Claris jogou a estatueta sobre a esteira e saiu precipitadamente da oka, punhos cerrados.

Sinhá afastou a divisória, juntou os objetos e os guardou na mochila. Quando acabou, sentou-se no banco, de frente para a duna alaranjada. Contemplando o céu inconstante da ilha, esperou que Aram voltasse.

ESPERAR

Vários dias e várias noites, os três Brilhantes cumpriram sua dança no céu movente. A urgência em deixar a ilha, que tinha devorado Claris assim que ela recuperara a memória, transformara-se em espera impaciente. Sinhá consultara Bandhá: quando o próximo recém-nascido fosse, pela primeira vez, imerso no oceano e apresentado à deusa, a estrangeira poderia deixar a ilha. Claris teria, portanto, de esperar sete dias.

Ela de início se revoltara e tentara encontrar sozinha o caminho da gruta. Como não conseguiu, ficou rodeando as mulheres grávidas, tentando adivinhar quando nasceria o próximo bebê. Elas riam, mas não lhe eram de nenhuma ajuda. Para os ilhéus, o tempo não existia. O bebê viria na hora certa. Além de quê, não se podia discutir com Bandhá. Claris, por fim, se rendera à evidência: teria de esperar.

Depois que aceitou esse fato, tudo ficou mais simples. Acomodou-se no intervalo de tempo exigido para se despedir da ilha. Retomou suas tarefas cotidianas.

Trançava cestos com as mulheres, dançava com as moças, brincava com os kurumis e partilhava seus sonhos, à noite, na oka.

Saía a pescar com os homens que, sabendo que ela ia embora, já não lhe proibiam o acesso a seus barcos.

Respirava os mil aromas da floresta, deixava-se morder pelos pequenos vampiros que tanto a tinham assustado da primeira vez, confeccionava cintos com cobras-cipó.

Varria o templo, colhia flores para os deuses, tragava o céu de safira, a areia cor de açafrão, as árvores amarantinas de palmas amarelas, a pele acobreada dos ilhéus, seus olhos coloridos, seu cabelo brilhante.

Escrevia em seu caderninho a sinfonia das cores, as dunas que seguiam ondulando até o mar, o cintilar prateado do oceano. Desenhava a enseada em que as ondas explodiam sobre as rochas, variedade e movimento.

A ilha era um bolsão de eternidade, fluida e harmoniosa. Naquele entremeio, entre seu passado e seu futuro, Claris pressentia que aquela pausa era preciosa e irreversível. A perspectiva da partida conferia a cada dia, a cada gesto, um toque de doce melancolia.

UMA IRMÃ

Debaixo da iba de tronco acendrado que erguia no céu sua forma cônica, Claris contemplava Bandhá enquanto girava distraidamente o anel rubro em seu anular esquerdo. A contemplação do mar limpa, esvazia a mente, dilata, amplia as percepções. Permite relaxar e sonhar, abrir-se para o alto.

O mar, amar, amarrar, amargar... Palavras! Encantava-se com seu poder, sua labilidade. Sem palavras, ou quase, os ilhéus viviam, trocavam, amavam e celebravam. Desconheciam passado, futuro, saudade ou esperança. Os sentimentos talvez nascessem das próprias palavras. Ela se fartava com as palavras lidas nos livros que encontrara na mochila. Com os livros, reencontrava companheiros perdidos, amigos que não mudavam, não morriam, não traíam.

Deitada na hamaku, à noite, quando as reminiscências são mais perigosas, invocava esses companheiros intangíveis a fim de esconjurar o cheiro de seu irmão, o beijo de seu pai. Fechava os olhos enquanto as personagens de seus romances preferidos vinham cumprimentá-la: Ulisses do alto de seu mastro, Andrômaca com seu filho nos braços, Teseu com seu novelo, o pulo de Ellana, o último elfo e tantos outros mais. Eles sempre sabiam como levá-la para longe de sua dor, para o sono, alhures.

Uma onda de calor cru açoitou-a no rosto. Era Rad surgindo e revelan-

do pequenos vultos pretos no oceano. Eram os cavaleiros de Bandhá. Sentados em tábuas de madeira, espreitando o horizonte, esperavam horas a fio pela onda que os levaria mais longe, mais rápido, além. Era maravilhoso vê-los imóveis por tanto tempo, até se levantarem de súbito num só movimento para deslizar sobre o mar. Esperar muito tempo e agir no momento oportuno. Jad teria adorado.

Nos primeiros dias depois que voltara a se lembrar, Claris proibia a si mesma de pensar em Jad. Não aceitava a morte do irmão gêmeo. Nem sequer se atrevia a formular “Jad está morto”. Era uma ideia inaceitável, incompreensível, absurda.

Na gruta, uma vez rompido o contato telepático que os unia desde sempre, a falta do roçar familiar da mente de seu irmão a mergulhara numa solidão tamanha que tudo o que dizia respeito à sua vida “de antes” parecia pertencer a outra pessoa. Outra vida. Outro planeta. Sem Jad, na gruta, Claris não sabia quem era. Portanto, esquecera-se de tudo.

Mas neste dia, sentada debaixo da iba, enquanto a brisa arrastava os aromas pesados de húmus e sortilégios e os Brilhantes pintavam as dunas com um dourado triunfante, naquele crepúsculo rebentando de frutas, flores e crianças, Claris deixou-se invadir pela lembrança do irmão.

Os olhos de veludo negro, a auréola loira e flexível dos cabelos, a doçura, a ironia do sorriso, a rouquidão da voz e a força oculta contida em sua aparente fragilidade. Seu irmão, seu mesmo, seu outro.

Imagens da infância dos dois desfilavam em sua mente sem nada poupar, nem um arranhão, nem um livro, nem um bonsai, nem uma gargalhada, nem uma cereja, nem uma briga. Claris sentiu seu irmão na pele, ouviu seu riso, o viu andando, brincando, comendo, dormindo.

Quando ele finalmente a deixou, o crepúsculo de três sóis cintilava e Claris sentiu-se libertada daquela ausência que lhe dilacerava o coração. Compreendera que os mortos deixam de viver, porém não deixam de existir. Agora, Jad era dentro dela uma presença, uma certeza. Jad. Ele tinha respirado ao seu lado, sorrido quando ela sorria, sofrido quando ela sofria. Ela adormecera em seu sopro noite após noite. Ele permanecia seu irmão. Para sempre. Ela era a guardiã daquela vida juntos, isso a tornara forte e múltipla.

Uma piroga cruzou lentamente a baía, levando a bordo um homem sozinho. Ela nunca estaria sozinha porque havia partilhado muito. Sofrer por amor era uma bobagem. Esse amor seria força, não um fardo. Claris sacudiu o cabelo. *Ela não seria uma PP. Não, decerto que não!*

Um yaku passou planando, indolente, diante de seus olhos, antes de sumir dentro de uma nuvem. A nuvem assumiu a forma de uma águia.

Um torpor tomou conta de Claris, um formigamento na nuca e na ponta dos dedos. Ela ouviu o farfalhar de asas abertas imensas, o som do vento nas penas. A nuvem se coloriu de rosa e azul e se pôs a girar muito rápida sobre si mesma, desenhando uma grande figura. Uma segunda nuvem transformou-se, e uma terceira. Juntas, as figuras se reviravam e riscavam o céu, jogando as nuvens uma para a outra como se fossem bolas. As asas tão velozes que eram apenas brilho matizado, esplendor, torrente de cores. Claris sentiu um sopro vívido na face e uma alegria ardente. Houve um grito, agudo como o assobio do vento. Tão forte, tão perto, tão longe...

Enquanto voltava para a aldeia em meio à luz rubra e dourada, ao passar em frente ao templo azul e branco, fez uma oferenda aos deuses da ilha. Uma concha contendo um pouco de água doce, uma estrela-do-mar apanhada na areia, uma flor roxa. Agradeceu por terem permitido que ela vivesse ao lado de Jad as doze primeiras luadas de sua vida. Jurou continuar sendo sua irmã.

Ao fazer esse juramento aos deuses silenciosos, soube que fizera a escolha certa. A ilha era o paraíso. E ela ainda não estava pronta para o paraíso. Tinha algumas coisas a cumprir.

UMA FELICIDADE INEXPUGNÁVEL

Naquela noite, Sinhá viu Aram voltar para a oka apaziguada. Não quis comer nem brincar com os kurumis. Pegou sua mochila e uma hamaku e dirigiu-se para a floresta. De longe Sinhá viu quando ela prendeu a rede nas árvores e se deitou.

Claris acendeu a lamparina, prendeu-a na testa com uma bandana cuidando para não se queimar e abriu o último pacote, o último presente. Um pequeno volume de capa vermelha brilhante em que se destacava um título em caligrafia arabizante. *A odalisca e o elefante*. Trazia uma dedicatória:

Para Claris, em seu décimo terceiro aniversário, essa história que torna possíveis todos os amores impossíveis.

E um enigma: quem é a Odalisca nesta vida? Quem é o Elefante?

Boa leitura. Boa viagem. Ugh.

Ugh lhe dera um livro de presente, um livro de que ela nunca tinha ouvido falar! Não resistiu e leu o primeiro parágrafo:

Antes desta história começar, ele perambulava livre por uma longa e esplêndida infância. Nas fantásticas savanas da África, a grande mãe negra, ele nascera branco. Branco e pequenino como só os de sua espécie sabem ser, isto é, pesando mais ou menos 99 quilos.

Clarís sorriu. Onde é que Ugh tinha desenterrado esse livro? *Perambular... livre... longa e esplêndida infância...*

Quando Sherazade contava, quem ouvia se esquecia de tudo, de quem era, do que era, se sentia fome ou sono. Podia a terra tremer ou o nariz coçar, nada importava quando Sherazade contava. Era tão gostoso quanto comer uma tâmara de olhos fechados, ouvindo as fontes do quinto jardim suspenso, aquele das rosas amarelas. [...] Assim pensava Leila enquanto corria e corria para não perder uma só sílaba do conto nº 444, que Sherazade começava a desfiar na sua voz de pássaro, de trovão e de nuvem.

Clarís estremeceu. *Esquecer-se de tudo... Sensação maravilhosa... Desfiar... Balançando-se, suspensa à beira da floresta escurecida, foi lendo mais, embarcando na história como quem embarca num navio. A história dentro da história, um lugar encaixado em outro, um alhures revelando outro.*

A lamparina se consumia rapidamente, precisava voltar à oka antes que a noite da ilha caísse como cutelo. *Podia a terra tremer ou o nariz coçar...*

Enquanto andava em direção à oka, as palavras do livro frufrulhando ao seu redor, Clarís tentava identificar a extraordinária sensação que estava redescobrimdo: viagem, leveza, desconhecido, aventura, risco, travessia... *Estou feliz!*, compreendeu, surpresa. *Conheço esta sensação: a alegria de ler, de viver a aventura de uma história, de conhecer novas pessoas, novas terras, e torná-las vivas pela magia da leitura. Mesmo que eu esteja profundamente triste, ler é uma felicidade inexpugnável. Inexpugnável? Como é que ela conhecia uma palavra dessas?*

Súbito, a família Borges estava à sua frente. Bahir, o sebista cego, maravilhoso Bahir, príncipe das cores; Maya, a Nômade da Escrita com sua envolvente voz de contadora; Jwel e seu arco; a comida incrível de Deli; Ellel... Ellel, sua amiga. Ellel, que se fora para cumprir seu aprendizado no Nomadstério.

Junto com o prazer de ler, veio o desejo de escrever. E ela lembrou que tivera um destino, um futuro cintilando tão nítido que teria sido possível pôr um pé sobre ele e caminhar. Quando esse destino oferecera-se a ela

sem nenhum porém, sem nenhuma dúvida, renunciara a ele por desespero. Mas ainda podia recuperá-lo.

Partir, escrever, viajar, escrever... Ela iria para o Nomadstério.

Uma brisa suave apagou a lamparina e centenas de vaga-lumes apareceram para iluminar seu caminho. Os Elementais dançavam ao redor de Claris. A menina tinha rido, tinha sentido felicidade, tinha reencontrado o rumo de seu destino, a menina estava curada!

Permanecera tanto tempo fechada em si mesma, com suas perdas, com sua dor, perdida no vazio da ausência. Apartada dos seus, de sua memória, de sua história, tinha se tornado opaca. Então, devagarinho, os Elementais a conduziram para seu renascimento, pois assim são sua natureza e seu poder.

Os Vívidos da Pedra a tinham tornado firme como a montanha. Os Vívidos da Água a tinham levado até Bandhá, movente e flexível. Os Vívidos da Terra, até a floresta múltipla e profunda. Os vívidos do ar surgiram quando, através dos miúdos zelos que se devem aos deuses, cuidara de algo além de si mesma, recuperando alguma transparência. E, antes de mais nada, ela se abrira, mesmo que fugazmente: voltara a sentir amor, por Sinhá, pelos kurumis, por Kiji, pela ilha. Por fim, com Arjuna, despertara e redescobrira seu corpo.

A menina tinha aprendido que a leveza pode suportar a tristeza, e a transparência pode brilhar no âmago da escuridão. Ela agora via com clareza. Podia ir embora.

Antes de ir para sua hamaku, na oka banhada de sonhos dos kurumis, espalhou na esteira os presentes que ganhara de aniversário de Chandra, Dag, Sem, Eben, Jad, Ugh... Ao tocar neles, ao recordar, retomava posse daqueles que a amavam. O amor, que não conhece barreiras, atravessou o espaço-tempo para alcançar Jad e Ugh lá onde estavam. Tão forte, tão perto, tão longe...